

O olhar narrativo de Michel Maffesoli: da ecosofia aos “coletes amarelos”

Juremir Machado da Silva¹

Resumo: Este ensaio aborda alguns aspectos recentes do trabalho do sociólogo Michel Maffesoli, intelectual com papel relevante na construção de um olhar narrativo livre da normatividade moderna.

Palavras-chave: Michel Maffesoli; Mídia; Narrativa; Ecosofia; Pós-Modernidade

Abstract: This article discusses some recent aspects of the work of the sociologist Michel Maffesoli, an intellectual with a relevant role in constructing a narrative view free from modern normativity.

Keywords: Michel Maffesoli; medias; narrative; ecosophy; postmodernity

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUCRS. Doutor em Sociologia pela Universidade Paris V sob a orientação de Michel Maffesoli.

O homem

Por que não falar um pouco do homem em termos humanizados? Nascido em 1994, o sociólogo francês Michel Maffesoli nada mais precisa provar em termos intelectuais. Professor aposentado da Sorbonne, com uma vasta obra publicada, ele saboreia a vida entre um belo apartamento na rue de Rivoli, no coração de Paris, uma casa na montanha, onde aproveita para escrever e caminhar, e outra, adquirida não faz muito tempo, quase um castelinho, na sua cidade natal, Graissessac, no sul do país. Franceses cultos adoram um pouco de vida no campo. Estão certos. A natureza é sempre uma bela moldura para o pensamento. Durante o ano, Maffesoli viaja pelo mundo fazendo palestras. Entre os seus destinos, Brasil, Coreia do Sul, Japão, Itália, Espanha... Teórico da pós-modernidade, com uma leitura bastante singular e pertinente do fenômeno, ele publicou livros incontornáveis sobre o assunto como *A conquista do presente* e *O tempo das tribos*. Hoje, ele poderia até dizer: “A pós-modernidade sou eu”.

Vale repetir um mote coloquial sobre Michel Maffesoli. Ele pode ser visto como o mais original teórico da pós-modernidade no mundo. Existem a grosso modo três tipos de analistas pertinentes e incontornáveis do pós-moderno: os neomarxistas, que denunciam uma degeneração da boa e utópica modernidade, jamais realizada, mas sempre adorada, necessária, louvada, defendida, considerada injustiçada e esperada; os ex-marxistas, em busca de uma nova utopia ou simplesmente de uma teoria de substituição que salve a lavoura e dê esperança de que a redenção acontecerá; e aqueles que, a exemplo de Michel Maffesoli, descrevem o imaginário uma época quase etnograficamente, não fosse a etnografia uma ilusão de neutralidade dos antropólogos, um retorno do positivismo pela janel. Como quase todos os intelectuais da sua geração – ele tinha 24 anos em 1968 –, Maffesoli teve seu namoro com o marxismo. Foi passageiro. A mentalidade libertária prevaleceu. É o que se vê nos seus livros.

O lugar de destaque na reflexão sobre o imaginário contemporâneo que Maffesoli ocupa tem a ver com sua valorização do vivido pelos homens ditos comuns, também descritos como “homens sem qualidades”, pressupondo-se que as qualidades pertencem aos homens extraordinários, e por sua crítica ao produtivismo e ao progressismo, os pilares de uma concepção de mundo paradoxal, capitalista, socialista, burguesa, cientificista e iluminista. Leitor de Georg Simmel, Max Webber, Nietzsche, Martin Heidegger e Gaston Bachelard, discípulo de Gilbert Durand, dissemina uma

noção própria de pós-modernidade: o encontro do arcaico com a tecnologia do ponta. Não bastasse isso, sustenta que não estamos numa sociedade individualista, mas em sociedades tribalistas baseadas no gosto pela vibração em comum, comunhão passageira de emoções, num pluralismo de ideias e numa espécie de politeísmo de valores e de referências.

Cabe também repetir que Michel Maffesoli é um dos autores franceses contemporâneos mais traduzidos no Brasil, com mais de duas dezenas de livros publicados por editoras brasileiras. Nas Faculdades de Comunicação, ele é cada vez mais uma referência, um nome obrigatório, tendo orientado 46 doutores que trabalham em muitos dos nossos programas de Pós-Graduação, entre os quais o autor deste texto e a atual coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Cristiane Freitas. O nome dele figura constantemente nas bibliografias de monografias, dissertações e de teses de estudantes brasileiros e nos artigos de pesquisadores, ou como autor adotado em disciplinas de graduação e de pós-graduação. Por que esse interesse? Talvez pelo fato de que a sua obra explora apaixonadamente a comunicação para além da mídia e da manipulação. Comunicar vai além da técnica e enfatiza valores e investimentos emocionais que ultrapassam amplamente a troca de signos ou de informações no sentido utilitário do termo. A comunicação é um laço social, uma relação emocional.

Por que Michel Maffesoli se tornou, sem o pretender, um autor importante para a Sociologia da Comunicação ensinada nos principais centros brasileiros de discussão sobre esse tema [1]? Hipótese: porque Maffesoli é o principal sociólogo da comunicação, talvez o único, a praticar, realmente, uma sociologia compreensiva da comunicação, ou seja, a mergulhar nos fenômenos complexos da comunicação (tudo aquilo que vai da mídia às formas de interação interpessoal) sem se submeter a uma lógica da manipulação. Em síntese, Maffesoli percebe a comunicação como uma forma sensível da vida social contemporânea e tenta compreender como ela serve de “cimento social” numa época de crise das velhas certezas e de desabamento das antigas utopias políticas que, através da promessa do paraíso futuro terreno, serviam de “cola” social para os indivíduos socialmente desamparados.

Quase todos os termos caros a Maffesoli, espalhados pela sua rica e extensa obra, remetem à comunicação: tribalismo, socialidade, religação, estar-junto, efervescência social, ideal comunitário, orgiástico, dionisíaco, conjunção social, comunhão, laço social, cultura do sentimento, nomadismo, imaginário (que para ele é sempre so-

cial), contraditorial (as terminações em “al” significam para ele interações orgânicas, intensas e profundamente sentidas em comum), “coincidentia oppositorum”, jogo social, formismo, sinergia, harmonia conflitual, diversidade, equilíbrio de antagonismos, aparência, teatralidade, estilo, vitalismo, aura, ética do estético, socialidades eletivas, sinceridades sucessivas, redes, politeísmo, proxemia, pluralismo, cimento social, cola do mundo, empatia, preeminência do todo, nomadismo comunitário, pluralidade da persona, conflito estrutural, jogo duplo, fusão, atração, instante, presenteísmo, trágico, vida social, vivido, senso comum, divino social, força imaginal, identificação (fluida, em oposição à rigidez da identidade), subterrâneas, “nós” fusional, “ambiência”, comunhão virtual, compreensão, hedonismo, relativismo, narcisismo, festa, potência, “carpe diem”, barroco, tato, razão sensível, hibridismo.

Uma obra

Só que sua verve não se esgotou. Ele lançou em 2017 o livro *Écosophie* (Ecosofia). Impossível não recorrer a um clichê: Michel Maffesoli é como um bom vinho nacional (francês). Quanto mais velho, melhor. Quanto mais se lê, mais é possível se convencer de que ele é quem melhor atualmente descreve o que somos, sentimos, desejamos e buscamos num mundo que perdeu as velhas certezas e utopias. Aquilo que ele escreve faz sentido, toca em algum ponto sensível do que fazemos. Maffesoli nunca se propõe a dar lições de moral ou a vender o melhor dos mundos. Continua não dizendo como o mundo deve ser. Não se comporta como guru ou líder revolucionário. Ecosofia é um livro simples, cristalino, erudito e até mesmo emocionante. Fala da importância do mistério na existência de cada um de nós. Uma vida sem fantasia, transcendência, imaginação, imaginário e sonho é pobre. A tentação de tudo racionalizar produziu esterilidade e miséria existencial. Estamos novamente em busca de raízes e de natureza.

Há décadas Maffesoli mostra que precisamos de vibração em comum, de convivência, de uma cultura do sentimento, de pertencer a alguma coisa intensa, de uma razão sensível, de compartilhamento de emoções e de transfiguração do cotidiano. Somos tribalistas, hedonistas, presenteístas, sedentos de calor social, de troca afetiva, de festa, de rituais, de sentidos duradouros ou provisórios e de comunhão. Queremos voar e ter os pés na terra, decolar e conservar nossas raízes, mudar e permanecer, alcançar conquistas científicas e conservar nossas crenças, mitos, fábulas e sonhos. O pior não vem normalmente dessa sabedoria popular, mas dos projetos purificadores,

unificadores ou simplesmente propagadores da Verdade.

Bom de polêmica, quando necessário, Michel Maffesoli cutuca, apoiando-se em Charles Fourier, as “ciências incertas”, como economia e ciência política, que repetem lugares-comuns com a arrogância definitiva da frivolidade e da vaidade. Ecosofia, no entanto, vai muito além disso. Enfatiza a redescoberta da natureza, da terra-mãe, do “bio”, do contato, virtual ou presencial, do místico, do fantástico do cotidiano, da importância de ocupar-se com aquilo que dá aura e significação ao fazer de cada um. O “real” é bem mais do que a “realidade” dos detentores da árida verdade absoluta. Relativismo é saber colocar em relação, escutar as muitas vozes. O homem moderno quis separar natureza e cultura e dominar o natural com seus artifícios. O resultado devastador está por toda parte. A natureza cobra seu preço. Chegou a hora de sentir a vibração do solo.

A vida não encanta sem uma dose de sagrado. Muitas são as possibilidades de sacralização. Para o autor o mistério é o que escapa ao reducionismo da razão inebriada por seu poder argumentativo. A complexidade natural exige o uso dos sentidos para ser devassada. O sensível recorre ao corpo. A modernidade foi uma ilusão racional que se pretendia insuperável. Como toda crença, acreditava-se em si mesma. Como toda doutrina, racionalizava qualquer objeção. Como toda utopia, não podia vislumbrar a distopia que carregava e disseminava. O universal é somente um particular universalizado por consenso negociado pelas partes envolvidas com vistas ao atendimento de interesses comuns. Nada o justifica intemporalmente. Tudo é histórico, sujeito ao recorte do momento.

Enquanto os intelectuais oficiais criticam os jovens por seus jogos e gostos, Michel Maffesoli encontra no interesse por vampiros, bruxos e outras figuras desse tipo o eterno desejo de mistério e de fantasia. Nada que impeça de ser racional quando se faz necessário. Retorno ao pátio de casa. Fusão entre homem e natureza. Maffesoli e sua esposa Hélène curtem as filhas e os netos. O velho mestre, acostumado às críticas dos racionalistas, mantém-se firme na sua interpretação generosa do mundo como ele se mostra. O projeto moderno pretendia apagar as diferenças mergulhando todas as culturas numa idealizada pátria mundial humanista e com os mesmos valores. Não existiria intolerância porque todos comungariam dos mesmos princípios. Não haveria guerra porque todos estariam de acordo sobre o essencial. Evidentemente que essa tábua de valores universais era por mera coincidência a da cultura europeia iluminista. A ideia era ótima. Havia, contudo, um obstáculo dentro da própria Europa e, claro, fora

dela: as próprias culturas. O mundo é paradoxal. É preciso ter a cabeça nas nuvens e os pés no chão. Um belo livro. Uma lição sem arrogância de sabedoria, de realismo e de relativismo.

Um movimento

Em 2018, Michel Maffesoli mostrou, em parceria com Hélène Strohl, a sua força de análise ao tratar do movimento que tomou conta de ruas da França, especialmente de Paris, homens e mulheres rotulados de “coletes amarelos” por causa do uso pelos manifestantes de jalecos fosforescentes obrigatórios em cada veículo automotor para utilização em situações de emergência. As manifestações começaram em reação ao aumento de impostos sobre o preço de combustíveis. Em seguida, ganharam outras motivações. Na contramão das interpretações economicistas, Maffesoli e Strohl abriram um leque de hipóteses cobrindo da rejeição à globalização à crise da democracia representativa passando pela rejeição ao consumismo.

Diferentes tribos fecharam um cruzamento, impediram o acesso ao supermercado do bairro, atacaram os lugares simbólicos das elites. Nenhuma reivindicação unifica essas tribos e até mesmo as exigências mais repetidas são muitas vezes tão contraditórias (baixar os preços, lutar contra a globalização, valorizar o local, estimular as viagens, compartilhar, mas ao mesmo tempo preservar o uso individual do carro ...) que as reações tradicionais dos políticos e dos meios de comunicação perdem o rumo. É preciso ressaltar a importância da forma como as pessoas se ligam (CS, p.5, 15/12/2018).

Lá estavam jovens e velhos, muito pobres e nem tão pobres, desempregados e subempregados, gente de classe média empregada, ecologistas, esquerdas radicais, militantes de extrema-direita, homens comuns, “homens sem qualidades”, pessoas esquecidas, os chamados pequenos, invisíveis, coadjuvantes, saturados das promessas dos políticos, indignados com a globalização dos banqueiros – não por acaso vitrines de bancos foram depredadas –, cidadãos que não sentem representados nos parlamentos, desiludidos de todos os tipos. A mídia, indicam os autores, nada entendeu por usar a lente errada.

Amplia-se a distância entre a opinião publicada e opinião pública. Não se consegue mais controlar explosões de emoções coletivas através de negociações com representantes! Apesar da violência, apesar dos incêndios e outros abusos, que seria difícil para os observadores atribuírem à extrema esquerda ou à extrema direita, o que está em jogo é uma revolta dos povos. Revolta geral contra as elites, mas especialmente contra aquele que foi eleito para a presi-

dência da República. Existe no inconsciente coletivo, tão dificilmente exprimível, uma vergonha por ter se deixado enganar por um ator que fez crer que ele representaria o povo ‘em movimento’. Paris e Marselha foram palcos de lutas nunca vistas. Uma grande parte da população se identificou com ‘coletes amarelos’. De Buenos Aires, Macron falou aos franceses para mostrar que estava em outro lugar, lidando com os “grandes problemas deste mundo junto com os grandes deste mundo”. Nada tinha a dizer aos “baderneiros”. Não poderíamos ter melhor encenado o a arrogância do tecnocrata! É por isso que não há “pensamento paliativo” possível, isto é, não há resposta para se opor a essa revolta (CS, p.5, 15/12/2018).

Fala-se em democracias iliberais, no cansaço das massas segregadas nas periferias e em ocaso de um modelo econômico, o neoliberalismo da globalização. Que mensagem estava sendo passada?

Os ‘coletes amarelos’ dizem: estamos cansados da obsessão pelo consumo, pelo dinheiro, pelo materialismo. Queremos sonhar, festejar, divertir-nos e não calcular. Estamos cansados de bancos! Chama a atenção a violência gratuita contra agências bancárias sem a intenção de roubar, mas de depredar! Há, portanto, nesse movimento dos “coletes amarelos” algo que nossos políticos não conseguem entender: a afirmação grosseira de que não precisamos mais deles, não acreditamos mais neles. O ‘fora todos’ é cruel: diz que não há substituto possível (CS, p.5, 15/12/2018).

Fim de um tempo? De uma era? De uma visão de mundo? De um modelo de organização social? Fim de uma forma de conformar o social, de deformar a política, de formatar a cultura e de forjar o real? Maffesoli e Strohl veem nesses elementos o ocaso da modernidade:

Estamos em uma crise, não primeiramente econômica ou social, mas numa verdadeira mudança de paradigma: a política é a gestão, a regulação da convivência, do viver juntos. É a ritualização da violência, a rivalidade homeopática, a regulação de várias paixões e emoções coletivas muitas vezes contraditórias. Essa política foi constituída na modernidade (século XVIII-XX) em democracia representativa: todos os corpos intermediários, todas as guildas, corporações e confrarias foram dissolvidas; os indivíduos se viram livres de quaisquer laços comunitários, ligados uns aos outros por um contrato social, um conjunto de normas que ditam o comportamento. Esses padrões são elaborados por seus representantes e se aplicam a todos. Isso não funciona mais: as pessoas não se sentem mais representáveis. Significa que se tornaram individualistas, que não têm senso do bem comum? De forma alguma. Ao contrário, significa que concebem o bem apenas como comum, isto é, registrado diariamente em sua comunidade de vida. É esse movimento de retorno, depois da modernidade, a uma ‘socialidade’ comunitária, de proximidade, implicando-me em um ser coletivo, pertencendo a várias tribos, que define o fim da modernidade (CS, p.5, 15/12/2018).

Fim de um modo se ser, não fim do ser no mundo, sugere o texto, provo-

cando reações tempestuosas. A história não acabou. As crises, como se sabem, abalam fundamentos e abrem novas perspectivas.

A era moderna viu o modelo materialista e produtivista prevalecer, com os avanços que conhecemos, especialmente em saúde, educação, mas também com a devastação ecológica que sabemos e a erosão das solidariedades básicas. Estamos entrando em outra era, na qual o ideal comunitário ressurgiu e o homem entende que não pode mais dominar a natureza (CS, p.5, 15/12/2018).

O mais importante, porém, é saber ouvir o que quer emergir, estar atento ao que protesta, sentir a força das sombras desses esquecidos contra essas Luzes que já não iluminam nem emancipam, apenas tremulam. Velhas fórmulas parecem não contemplar as novas demandas. Grades de análise fazem saltar o excesso de conteúdo que não conseguem assimilar. A bitola tornou-se estreita demais.

Devemos, em vez disso, aprender a observar o retorno do imaginário, as várias formas de religião, coisas que não se resumem à condição social e ao ‘poder de compra’! De certo modo, eles dizem de uma maneira crua o que Macron e seu cenáculo disseminam de outra maneira: não nos reconhecemos mais em partidos, sindicatos. Os ‘coletes amarelos’ não lutam por um ‘bem comum’ abstrato e, sem dúvida, sua solidariedade não cobre toda a miséria do mundo! A França mantém no exterior a imagem de iniciadora de revoltas ou revoluções. Muitos países estão experimentando o esgotamento do modelo da democracia representativa. Portanto, seu interesse vai além da mera curiosidade pela luta político-institucional. Trata-se de reconhecer que o fim de um mundo não é o fim do mundo. Mas o sinal do surgimento de um novo mundo! (CS, p.5, 15/12/2018).

O pós-moderno Michel Maffesoli, junto com a sua esposa e companheira de aventuras intelectuais Hélène Strohl, continua a fornecer pistas singulares de compreensão dos fenômenos socioculturais contemporâneos. Odiado ou amado, ele segue inseminando análises com a sua forma “formante”. É uma questão de comunicação.

Notas

[1] Este tema foi abordado nestes termos em artigo publicado Revista Famecos. Porto Alegre: Edipucrs, n.,25, dezembro de 2004, p. 43-48.

Referências

MAFFESOLI, Michel e STROHL, Hélène. “A revolta dos esquecidos” In: Caderno de Sábado (CS), *Correio do Povo*, Porto Alegre: p.5, 15/12/2018.

_____. *Écosophie*. Paris: Cerf, 2017.

_____. *A Conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

_____. *O tempo das tribos*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1987.

SILVA, Juremir Machado da. Michel Maffesoli, teórico da comunicação. *Revista Famecos*, v. 11, n. 25, p. 43-48, 2004. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3283>>. Acesso em: 8 abr. 2019.